

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES - CAMPUS I

Ata da oitingentésima septuagésima segunda (872ª) Reunião Ordinária do Conselho de Centro

*Áudio completo da reunião em:

<https://docs.google.com/presentation/d/1QcXWMunDO5pltzHtuxHnAfUzVdUIBjSyY-HAdiysxas/edit?usp=sharing>

Aos quatorze (14) dias do mês de abril do ano de dois mil e vinte e um (2021), às nove horas e trinta minutos (09h30min), na Sala de Webconferência do CCHLA da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), reuniram-se os membros do Conselho de Centro, conforme lista de presença (<https://docs.google.com/spreadsheets/d/1QWeQI8DaehPBtxE-Qha519hMxvcH2ItlnktTUFqITF0/edit?usp=sharing>) para deliberar sobre os seguintes pontos de pauta (http://bit.ly/pauta_872_reunião_cchla): **1. Comunicações; 2. Ordem do dia.** O professor Rodrigo Freire iniciou a reunião com um agradecimento às TILS que estavam presentes na reunião e lembrou da importância desse trabalho e disse que é um serviço que precisa ser valorizado e ampliado. Segundo o Diretor do CCHLA, não houve reunião do CONSUNI; não há informe sobre o Conselho Superior. Depois, o professor Rodrigo Freire falou sobre o ofício da Pró-Reitoria de Graduação (PRG), OFÍCIO CIRCULAR Nº 95/2021, que terá o intuito de elaborar documento do centro com as sugestões de revisão da resolução 29/2020. A direção do CCHLA enviou um e-mail para os setores, solicitando nomes para compor um grupo de trabalho (GT) que será responsável por trabalhar com a equipe da PRG. Os nomes recebidos foram os seguintes: Ana Cláudia Gualberto (Letras-Virtual), Sérgio Persch (Filosofia), José Carlos (SIAG); o professor Rodrigo Freire disse ser importante a participação dos estudantes neste GT. Alguns estudantes presentes nesta reunião, manifestaram interesse através do chat da sala virtual. Em seguida, o Presidente do Conselho informou que os nomes e os demais dados das representantes escolhidas para o CONSEPE e CONSUNI já foram enviados à SODS, juntamente com as suas portarias. Logo após, o professor Rodrigo Freire informou que a Direção enviou ontem à SEINFRA, a autorização da execução do serviço de instalação de piso tátil, muito importante para a acessibilidade. Segundo palavras do Diretor do CCHLA, o nosso Centro será o primeiro Centro de Ensino da UFPB a adquirir este equipamento. Ele ainda disse que o serviço será executado com recursos do ano de 2020. Seguindo com os informes, a professora Cláudia Lago informou que participou da Câmara de Programas de Pós-Graduação, quando discutiu-se: (a) a exoneração do presidente da CAPES; (b) os processos de prorrogação de dissertações e teses; segundo a professora Cláudia Lago, a PRPG

irá analisar a possibilidade de extensão do mestrado por mais 12 meses e do doutorado por mais 24 meses; na sequência, o professor Derval Golzio pediu desculpas pela ausência na última reunião e solicitou que fosse acrescentada a esta ata, o seguinte texto: *"Vade Mécum, Wellington Pereira - Tomei conhecimento da morte por Covid do colega professor Wellington Pereira e imediatamente enviei mensagem via whats app aos demais membros do Departamento de Mídias Digitais, onde o professor encerrou suas atividades pedagógicas. Todos os que responderam ao comunicado de sua morte por Covid lamentaram a perda e evidenciaram a necessidade de cuidados para mantermo-nos vivos e a salvo desse mal que assolou o planeta e que no Brasil encontrou terreno fértil para proliferar-se e ceifar milhares de vidas, com o negacionismo na esfera política administrativa. Wellington tinha como marca o afeto aos seus pupilos e a intransigente defesa do que pensava: "No curso de sua profissão, um professor se reeduca, aprende a ouvir a polifonia dos alunos, corrigir seus preconceitos, enfrentar seus medos. Um professor - sensibilizado pela falta de afetos - se torna afetivo. Quando descobre que está ensinando errado, o professor retira de seus sonhos a tabuada dos nove. Multiplica os fora nada e passa a estudar para ensinar." Talvez por essa intransigência em defesa do afeto, da transmissão do conhecimento e do bem comum, conseguiu manter grupo de estudos sobre cotidiano e o jornalismo, onde semanalmente discutia com seus alunos textos acadêmicos sobre a sociologia do sensível, a sociologia fenomenológica e a compreensiva. Admirava-o por conseguir juntar em volta de si, no período noturno, (no qual muitos de nós já começa a dar sinais de fadiga) ávidos mestrandos e postulantes a curso de mestrado. E nos intervalos entre a discussão de textos, lá estava Wellington Pereira, cercado de seus pupilos, saboreando conversas e goles de café. Tinha hábito de defender com muita ênfase o que acreditava. Não tínhamos nem compartilhávamos as mesmas concepções sobre muitos aspectos da vida cotidiana e política, mas sempre resguardamos o respeito mútuo e consideração. Talvez em razão das origens ou compartilhamento de vivências da infância e da adolescência nas peladas futebolísticas nos campos de várzea do bairro operário, o Jardim 13 de Maio. Havia diferenças, evidentemente. Mas, sobrava o respeito. E havia muito de convergência de pensamento, como foi o caso do curso que criamos na UFPB: Comunicação em Mídias Digitais. Olavo Mendes (na proposição), Nadja Carvalho, Lúcio Vilar, Henrique Magalhães, Marcos Nicolau, Bertrand Lira, Saint Clair Avelar e Signe Silva. Em outras questões, a exemplo da atual "administração universitária", estávamos em uma convergência de 100%. Como no caso da postagem de Facebook datada de 06 de novembro de 2020: "Com a indicação de um reitor biônico para a Universidade Federal da Paraíba, o governo de Bolsonaro reescreve a história sombria deste país quando a Ditadura Militar nomeou o professor Guilhardo Martins como interventor à época. Mas a UFPB, criada para fortalecer o sonho de muitos em transformar a cultura em maná (alimento de sobrevivência) cultural tem sido objeto de ataques externos – por grupos ligados à aristocracia escravocrata-patrimonial regida pela ideologia do empreguismo." Wellington Pereira foi vítima, como muitos brasileiros, de grupos ligados à aristocracia*

escravocrata-patrimonial e negacionista. Independente da origem do “feitor” da UFPB (e de seus auxiliares), indicado a dedo por um presidente da república que não expressa a menor compaixão e empatia pelo sofrimento da população massacrada pelo contágio Covid-19. Nesse quesito, compartilhávamos o mesmo entendimento: os atuais administradores da UFPB são colaboradores indiretos do genocídio vivido pelo povo brasileiro, no geral, e pelos menos favorecidos economicamente e, sobretudo os remanescentes dos povos originais, habitantes da terra brasilis, em particular. Os administradores da UFPB, mesmo que tentem passar a ideia de que querem o melhor para a Instituição UFPB, serão sempre representantes negacionistas indicados por um Presidente pouco afeito às dores coletivas e serão responsabilizados pelos males cometidos às Instituições Federais de Ensino, à ciência, e contrários ao bem comum. Representam o avesso da democracia, da participação, do respeito às diferenças e ao direito de opção da comunidade universitária: usurpadores. “Este reitor imposto é o impostor nascido da banalidade do mal na universidade”, postou Wellington Pereira. Wellington foi além: “Manter uma instituição democrática em uma Paraíba ainda hoje pobre e sacrificada pela vaidade das elites ou por seus herdeiros decadentes não é fácil, porque suas ideologias – volições antagônicas – se espriam no interior da administração – construindo uma enorme distância entre o acadêmico e o administrativo.” Há pouco mais de três anos, percebendo a dificuldade de deslocamento e as limitações na visão em razão da diabetes, usei sugerir ao colega Wellington Pereira que havia chegado a hora da aposentadoria. Disse-lhe, com todos os receios de receber resposta desaforada, que pensasse na possibilidade de “pendurar as chuteiras”. Inesperadamente e ao contrário do que imaginava – receber uma resposta dura em contrário – Pereira argumentou em tom interrogativo: “o que vou fazer com a aposentadoria? Ser professor é o que gosto e o que acredito ser”. Ponderei que poderia escrever, uma de suas paixões. E estive no lançamento de seu penúltimo livro “As aventuras de José Jacinto em seu redemoinho particular”, lançado com a presença de discípulos e admiradores, na Energisa. Já o último livro de Wellington, “O voo noturno do pintarroxo”, não contava com a possibilidade de plateia composta de discípulos e admiradores, em razão do isolamento social. Semana passada, eu e Olavo Mendes, Coordenador do Curso de Comunicação em Mídias Digitais, lembrávamos que devíamos uma visita ao colega. Queríamos vê-lo e matar as saudades. Mas queríamos, sobretudo, explorar a sua capacidade intelectual e de contribuição na atualização do Projeto Pedagógico do Curso de Comunicação em Mídias Digitais. Ponderamos, que não era conveniente a visita em um momento de pandemia a um colega que já enfrentava luta diária contra a diabetes. Perdemos a oportunidade de pôr a conversa em dia e a contribuição à formação acadêmica dos discentes da UFPB. Sua derradeira postagem em redes sociais reflete as incertezas por que passamos todos: “Bom dia a todos, afeto paz e saúde. 16/03/2021. Amigos: mesmo antes da pandemia, me mantive isolado, praticamente, por conta de uma neuropatia diabética que me causa estragos desde 2016, responsável pela minha aposentadoria da UFPB em 2017. Não saía, apenas observava os transeuntes dos mundos virtuais. Nesse período, me limitei a sair para consultas e exames médicos.

*Ontem fui fazer exames em um hospital de João Pessoa e por curiosidade pedir para fazer o teste de Covid-19. Resultado: contaminado por Covid-19 em seus sintomas mais leves. Eu tinha feito uma série de exames em um hospital oftalmológico, indo comprar sandálias para pés diabéticos. Não sei qual a arqueologia do vírus. Mas iniciei logo o tratamento. Muita dor de cabeça, dores no corpo e falta de força muscular. Por isso amigos, vou ficar um tempinho fora do mundo virtual. Espero voltar com saúde. (WP)” Wellington Pereira deixou-nos abruptamente. Uma das quase 300 mil vítimas do Covid-19 que poderiam ter tomado a vacina se o governo federal tivesse acreditado nas possibilidades de mortalidade pandêmica e, antevisse a necessidade da compra antecipada de vacina. Aos 60 anos de idade, Wellington Pereira, mesmo utilizando os métodos estatísticos, dificilmente teria seguro o dia que poderia estar vacinado: “nem no dia D, nem na hora H”, como bradou recentemente a anta fardada camuflada e de poucas estrelas, que ocupava o Ministério da Saúde. Derval Golzio, Professor Chefe do Departamento de Mídias Digitais/UFPB. Olavo Mendes Coordenador do Curso de Comunicação em Mídias Digitais”. Na sequência, passou-se à **2. Ordem do dia**, fazendo a chamada dos processos da pauta. No link http://bit.ly/pauta_872_reunião_cchla, há os resultados da votação. Não havendo mais nada a discutir, o Presidente do Conselho encerrou a reunião. João Pessoa, quatorze de abril de dois mil e vinte e um.*